



UM DEBATE SOBRE A HOMOFOBIA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Manuella da Silva Silva, discente de graduação, Universidade Federal do Pampa,
Campus Uruguaiana

Alinne de Lima Bonetti - docente, Universidade Federal de Santa Catarina,
Campus Florianópolis

Phillip Vilanova Ilha, docente, Universidade Federal do Pampa, Campus Uruguaiana

Fernanda Stein, docente, Universidade Federal do Pampa, Campus Uruguaiana

e-mail primeiro autor- manuellasilva.aluno@unipampa.edu.br

Quem de nós nunca ouviu e/ou repetiu expressões do tipo: “*Menino que não joga bola é Veadinho!*” “*Mulher que joga bola é sapatão!*” permeadas de preconceito de gênero, são usadas para excluir seus alvos da convivência social? Essas frases refletem a herança ideológica da cultura tradicionalista vinda de nossas famílias e que levamos para as interações sociais nos ambientes escolares, vivificadas talvez com força nas interações das aulas de Educação Física na escola, em especial nas atividades esportivas, e isso nos permite questionar: até que ponto esta prática preconceituosa interfere nas vivências das aulas de Educação Física? Diante disto, o objetivo do estudo foi problematizar sobre os alunos vítimas de violência motivada por preconceito por suas identidades sexuais e excluídos do processo de Ensino Aprendizagem da Educação Física. Inspiradas no trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade do Estado do Pará, intitulado “Que time é teu?": um debate sobre homofobia na Educação Física” (Rodrigues, 2013), selecionamos 15 alunos na faixa do primeiro ao terceiro ano do ensino médio, de uma instituição pública de ensino médio no município de Uruguaiana. Os estudantes foram convidados a participarem de uma discussão, que teve como proposta as seguintes perguntas: como você se define quanto a gênero? Você já sofreu algum tipo de homofobia na escola ou fora dela? Você tem amigos homossexuais? Dentro da Educação Física, você notou interesse do professor em metodologia favorável ao debate de gênero ou não? Como a Educação Física poderia se tornar mais inclusiva para alunos homossexuais e transgêneros? E, no caso da escola, Você acha que a escola está preparada para receber alunos homossexuais e transgêneros? Sobre as respostas obtidas, todos os entrevistados afirmaram já ter sofrido algum tipo de violência, em sua maioria verbal, motivada por preconceito de gênero em algum período de sua vida, principalmente durante a vida escolar. A maioria dos alunos afirma não gostar de participar das aulas de Educação Física devido ao privilégio dado ao futebol e sua ligação direta com os desportos. A Educação Física é apontada como uma disciplina que não consegue aceitar a identidade sexual de seus alunos, e isso se reflete em suas metodologias

que procuram tratá-los de forma unificada, onde meninos devem gostar do que é culturalmente masculino; e meninas devem gostar do que é culturalmente feminino. Durante nossa permanência nesta pesquisa, podemos perceber que esse tratamento excludente sai das quadras e chega aos relacionamentos interpessoais dos alunos, fortalecendo a divisão da turma em grupos onde homossexuais e heterossexuais convivem no mesmo ambiente, porém pouco se relacionam. Neste trabalho esperamos ter contribuído com o desenvolvimento dos sujeitos participantes, causando uma maior reflexão sobre o assunto, proporcionar uma discussão e uma melhor compreensão das questões de sexualidade nas aulas de Educação Física.

Agradecimentos: as autoras agradecem à UNIPAMPA pelo fomento ao trabalho através da Chamada Interna 7/2000.

Palavras-chave: Preconceito de gênero; Exclusão; Ambiente escolar.